

## PERSONAGENS NEGROS EM OBRAS DE BERNARDO ÉLIS

### *BLACK CHARACTERS IN BERNARDO ÉLIS' WORK*

**João Guilherme da Trindade Curado**

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)  
joajgguilherme@gmail.com

**Resumo.** Nascido 27 anos após a “Lei Áurea”, às margens do Rio Corumbá, local de extração aurífera utilizadora da mão de obra escrava, Bernardo Élis, conviveu com sinais da escravidão ainda presentes nas memórias de seus ascendentes. Coexistiu com a presença negra em sua terra natal, depois na antiga e na nova capital de Goiás, tanto que faz diversas menções aos negros em “A vida são as sobras”, início de nosso percurso. Em seguida, entremeio ao contexto histórico como pano de fundo, destacaremos os negros a partir das páginas de três obras bernardianas: “Ermos e Gerais”, “Primeira Chuva”, e “Veranico de Janeiro”. O objetivo é apontar as percepções e os estigmas sobre o negro na literatura de Bernardo Élis, nas obras em realce, que abarcam quase um quarto de século. As características relacionadas a cor parecem secundárias diante do universo mestiço em que Élis viveu; contudo, constituía-se em um de seus grandes temores, como confessou: “pedia com tanto fervor que me livrasse dos medos e do terrível mal de mudar de cor” (ÉLIS, 2000, p. 73).

**Palavras-chave.** Negros. Bernardo Élis. “Ermos e Gerais”. “Primeira Chuva”. “Veranico de Janeiro”.

**Abstract.** Born 27 years after the so-called “Lei Áurea” (Golden Law) on the banks of the Corumbá River, a place where gold extraction activities used slave labour, Bernardo Élis lived abreast with signs of slavery still present in the memories of his ancestors. He coexisted alongside the presence of black people in his homeland, subsequently in the former and new capital of Goiás, hence he makes several mentions of people of colour in “A vida são as sobras”, the beginning of our itinerary. Afterwards, intermingling with the historical context as a background, we will draw attention to the black people from the pages of three bernardian works: “Ermos e Gerais”; “Primeira Chuva” and “Veranico de Janeiro”. The purpose is to point out the perceptions and stigmas about people of colour in the literature of Bernardo Élis, in the highlighted works, which traverse almost a quarter of a century. The characteristics related to colour seem secondary to the mixed-race universe in which Élis lived; nevertheless, it constituted one of his greatest fears, as he confessed: “I asked so fervently that I get rid of my fears and the terrible evil of changing colour” (ÉLIS, 2000, p. 73).

**Keywords.** Black People. Bernardo Élis. “Ermos e Gerais”. “Primeira Chuva”. “Veranico de Janeiro”.

Ser branco ou ser negro parece não ter sido uma das preocupações de Bernardo Élis, tanto que poderia ter se afirmado enquanto característico de uma das duas possibilidades em “A vida são as sobras” (ÉLIS, 2000), ao descrever sua genealogia, em que destaca o posicionamento social e cultural do grupo familiar a que pertencia; mas não o faz! O “terrível mal de mudar de cor”, que tanto o importunou ao longo da vida, é explicado por ele, mesmo mantendo certo suspense entre a primeira indicação e a elucidação do fato 64 páginas depois: “eu tinha um defeito terrível (para mim), um defeito que, juntamente com outro, amargurava toda a existência, da infância a juventude”. Finda então o mistério: “eu tinha a qualidade de enrubescer-me, ruborizar-me, envermelhecer, mudar a cor das faces (eritrofobia). Qualquer emoção me fazia ficar vermelho feito um pimentão ou amarelo feito uma flor de algodão” (ÉLIS, 2000, p. 137), a timidez tornou-se uma contribuinte cada vez mais ativa em tais processos de mudanças de cor.

Para a análise pretendida selecionamos três obras de Bernardo Élis publicadas em livros: I) “Ermos e Gerais”, de 1944, quando o autor tinha apenas 29 anos de idade, cuja edição foi possibilitada pela premiação da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, instituída pela prefeitura de Goiânia, e ainda, por ser o primeiro livro de contos do autor, mesmo contendo uma novela “André Louco” ; II) “Primeira Chuva”, publicado em 1955, por ser o único livro de poemas publicado pelo autor e III) “Veranico de Janeiro”, publicado em 1966 e vencedor do Prêmio José Lins do Rego, por ser também um livro de contos.

A opção pelos livros de contos e de poemas se deu diante a ampliação de personagens descritos ao longo das páginas, o que possibilita uma amostragem mais significativa de como os negros se fazem presentes mediante a escrita bernardiana apresentada em três obras produzidas em intervalos regulares: 1944, 1955 e 1966, conforme, respectivamente, mencionado acima. No entanto, vale ressaltar que mesmo apontando alguns números, não se trata de uma investigação quantitativa.

Atentando para o intervalo temporal entre a publicação das três obras em estudo no presente artigo, consideramos que foram muitas as transformações pelas quais viveu o autor diante dos contextos mundiais e pessoais. Mundialmente dois grandes confrontos, o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria; no Brasil duas Ditaduras, a Civil de Vargas que se finalizava e a Militar que se iniciava no final do recorte temporal aqui delimitado. Diante do conturbado contexto, a vida de Bernardo passava por mudanças significativas, dentre as quais destacamos a filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB-GO) em 1944; a conclusão,

no ano seguinte do curso de Direito e o ingresso na carreira docente, da qual foi destituído em 1964 pela repressão militar.

Em relação a espacialidade, cabe destacar que Bernardo habitava então a nova capital de Goiás, a nascente Goiânia, após temporada no Rio de Janeiro, quando tentou se firmar enquanto escritor. Mas foi após o retorno ao solo goiano que conseguiu a primeira publicação, altamente elogiada pela crítica literária centrada na região em que o goiano não se adaptou como morada, provavelmente a saudade do Cerrado, constante personagem em seus textos, o trouxe de volta. No ano de 1953, esteve em Moscou na companhia de outros intelectuais brasileiros, o que teria surtido alguns reflexos em suas obras. A delegação foi organizada pelo Partido, que tinha algumas advertências à literatura produzida até então por Élis.

O texto em tela é pautado na pesquisa bibliográfica, tendo por referenciais, além das três mencionadas obras, “A vida são as sobras” (ÉLIS, 2000), com a qual faremos a integração e as possíveis análises sobre a presença do negro no recorte determinado. Destacamos, que não utilizamos as primeiras edições das obras, sendo “Ermos e Gerais” a edição de 2005, “Primeira Chuva” a de 1971 e “Veranico de Janeiro” a publicação ocorrida em 2006. Evitaremos ao máximo utilizar outros autores. No entanto, quando necessário, a investigação valorizará a multidisciplinaridade, com ênfase na área das Humanas.

As informações provenientes das memórias, evidenciadas em “A vida são as sobras” (ÉLIS, 2000), terão no texto a conotação de lembranças ou reminiscências de Bernardo ou de seus antepassados; portanto, não serão teorizadas ou terão conceitos analisados e/ou discutidos em diálogo com a escrita. O interesse pretendido é a manifestação bernardiana em relação com a explicitação da presença de personagens negros nas obras em questão, apresentando apenas os que fizerem menções expressas aos negros, seguindo a ordem dos textos e das datas de publicação original dos livros, e ainda, quando necessário, faremos recorrentes citações referentes às obras em estudo, simplificando a indicação limitando-as apenas às páginas, suprimindo autor e data.

### ***Ermos e Gerais***

Obra composta por 20 textos: 19 contos e uma novela, nos quais há pouco mais de uma dezena de negros enquanto personagens. Propositamente, não apresentaremos a relação e/ou classificação dos demais personagens que constituem as narrativas contidas nos textos. O faremos apenas em determinados momentos que tais especificações serão necessárias para melhor compreensão do que imaginamos ser o universo bernardiano, por isso, nem todos os

contos serão contemplados, só os que explicitamente o autor indicar a presença de personagens negros.

Em “Um duelo que ninguém viu” os dois envolvidos são boiadeiros, Angelino e Moisés. Sobre o segundo, há significativas descrições ao longo do conto: era “baiano enxuto, macio de fala, fiel de coração. Os dentes apontados a faca davam-lhe ao sorriso um ar ameaçador de bicho carnicento” (2005, p. 14). Ambos chegam feridos, mas com vida na fazenda do capitão Filó Simões, só Moisés a conserva. Depois do duelo e de cumprir a pena “Moisés nunca mais tangeu tropa” (p. 18). A narrativa ocorre a partir das reminiscências do coronel que habitava “pras bandas dos Pireneus” que indagado sobre a tristeza que sentida, respondeu: “faça idéia que morreu um companheiro meu de tropa, o Moisés” (p. 13), um arrieiro dos bons e que vinham, como os demais perdendo espaço de atuação em função do “diabo do caminhão [que] botou o nosso sertão bobo” (p. 14). Mais adiante afirma: “— Era negro. Porém de confiança” (p.16), é a única afirmativa da cor de Moisés ao longo do texto, já a relação de sentimentos e de companheirismo do coronel em relação a seu arrieiro de confiança são várias, o que denota, à primeira vista a pouca importância dispensada às variações da *cútis* ou mesmo à condição socioeconômica, quando o que foi salientado, em momentos diversos, foram as relações de companheirismo e de confiança.

Na novela “André Louco” narrada a partir do ponto de vista de uma criança, conta com quatro personagens negros, Joana, Angelina Baiana, Antão e o preto vizinho. Ele “era negro retaco, acostumado a bolear fardos de quatro arrobas e tanto que deu no André um chascão que o botou muito longe”, uma vez que André “na quadra da Folia, na cidade, embriagou-se e fez um tempo quente que ficou memorável”, com ele dando inclusive tiros, sendo que “uma bala ricochetada atravessou os peitos de Angelina Baiana” (p. 21), uma negra. Joana trabalhava e morava na casa do menino narrador, que por ela nutria preocupação, expressa na primeira investida narrada sobre André na cidade em que habitavam, quando todos se protegiam e o menino ficou a imaginar em se André matasse os pais e a ele, assim como “quebrasse os santos e desse pescoções na preta Joana” (p. 20). A relação da criança parece bastante afetiva com Joana, com quem se preocupa mesmo pós possível morte dele, expressa pela ideia dos pescoções.

Lembra, ainda que “Joana, a criada, costurava perto da nossa cama, à luz de um candeeiro de azeite, de que não largava para ir a parte alguma”. Era ela quem se fazia presente na hora de dormir e era relacionada à luz na escuridão da noite “feito um vaga lume” (p. 26).

Sobre a presença da negra na casa, há algumas indicações das lidas domésticas: “mamãe costurava à máquina e Joana, enquanto esperava a hora de dar começo ao jantar, passava a ferro algumas roupas” (p. 58), na varanda, local de conversas, em que vez por outra, ou quase sempre, Joana resolvia palpar, entre o alisar uma roupa ou outra. A mãe tentava controlar a língua de Joana, passando “lambada de olhos na negra”, o que quase nunca surtia o efeito esperado. Muitas conversas eram interrompidas na presença ou na proximidade de Joana. Lembra que certo dia o pai “calou-se, escutando a negra mexer, na cozinha, o arroz na panela e aquele frigar de arroz afogado” (p. 68). Outras vezes as observações, audições e falações ganhavam o espaço externo da casa, caracterizado por quando “na janela surgiu a cara preta de Joana, lenço amarrado na cabeça” (p. 69).

Ainda em relação com a rua e com a proteção representada pela casa e pelas orações, o menino relata: “mamãe botou Joana rezando em voz alta” e “a cara de Joana era horrível. Os beijos batendo, a atenção alheada da reza, fixa, lá fora na rua, acompanhando os passos de André Louco, pelo tinir da corrente” (pp. 70-71). Também sobre a reza de Joana, lembra o menino: “rezava estalando a beijorra, como se comesse rapadura” (p. 20). Outra característica destacada sobre a negra da casa era que possuía cabelo pixaim.

Dentre as proximidades com negros, as relações de vizinhança parecem ser comuns, conforme a lembrança de que: “o cachorro do preto, vizinho nosso, vinha latir debaixo da janela do quarto de mamãe” (p. 24).

Voltando aos contos, nos deparamos com mais algumas menções a negros em “A crueldade benéfica de Tambiú”, que parte da localização espacial do fato em Santo Amaro, com a explicação de que “relembra glórias mortas, tropel de bandeirantes, lufa-lufa dos escravos minerando nos arredores auríferos” (p. 117). Nequinho, é inicialmente descrito como “magro, cara chupada, de um moreno encardido de papel chamuscado. E bem vesgo” (p. 118). Tambiú era um “soldado bagunceiro” e em momento de travessia de um rio é descrito pelo barqueiro como “nego дума figa” (p. 121). Ao final, Nequinho é apresentado na Romaria do Muquém: “ao terceiro toque de uma enxada, apareceu um homem gordo, branco enfumaçado, de fraque, cartola e monóculo” (p. 123). O sucesso do espetáculo de Nequinho era tirar o olho de vidro diante da plateia, o que lhe rendia bom dinheiro, e que era fruto de uma briga em que Tambiú teria lhe tirado um dos olhos com um tiro certeiro. A narrativa deixa dúvidas se os dois personagens eram negros ou não, ou se os negros foram só os escravos que mineraram no passado.

Em “Papai Noel ladrão”, o filho da cozinheira de dona Amélia é o personagem designado como “o pretinho” que às vésperas do Natal fica atento ao que “os ricos falavam em papai noel, sapatos na janela e presentes” (p. 125). À noite colocou na porta do rancho “o único sapato da cozinheira, — sujo, velho, roto, cheio de chulé” (p. 127) que foi levado por um cachorro, a mãe deu uma sova “no pretinho” que acordou a vizinhança; dois estudantes que moravam próximos abrem debate entre si, um defendendo e outro criticando o menino, de onde sai a frase: “— coitadinho do menino! Ele até é um pretinho bem inteligente...” (p. 126). Lembra Élis (2000, p. 150) que “o conto referido foi escrito em 1938, publicado em O Popular, jornal inaugurado em março desse ano na cidade de Goiânia, fundada fazia quatro anos” e continua: “era um conto de Natal e retratava uma banalidade” o pretexto para a escrita “parece-me que seria uma maneira de registrar as várias versões de um mesmo fato, em face a cada ambiente ou classe social. Seria uma forma de desmistificar o Natal” (p. 150), em uma Goiânia que apesar de nova, mantinha as características rurais.

O mistério sobre “O louco da sombra” da fazenda do senhor Carlos, perseguiu o narrador por duas outras fazendas de pouso. Só na terceira parada em um rancho pobre, habitado por um preto, “mas um preto com feições de branco, cabelos lisos. (Topam-se muitos desse jeito por ali.) Um europeu oxidado”, e com a esposa também seguindo imprecisões, “era aça, de uma cor indefinível, cabelos alourados, mas encarapinhados” e eram pobres, “o negro me confessou que nada tinham para comer, mesmo a mandioca se acabara” (p. 148). Foi ali mesmo, naquele rancho, tendo por testemunho o mesmo negro que Luis, o filho de Carlos encontrou abrigo ao fugir com Margarida, uma parenta próxima, que também morava na fazenda. Ali, à sombra da fumaça teria a jovem sido buscada pela morte, representada como castigo possível incesto que tornou Luiz um louco pelo tremular brilhante e fumacento com quem lutava para que não levassem a sua amada. O dono do rancho conta que “foi esse nego que fechô as parpras daquela fulô, porque seu Luís garrô a unhá as parede” (p. 150), foi ele também que apresenta a suspeita de irmandade entre os jovens ao explicar que “‘qui u povo garraro a fala que a minina tomem era filha de seu Carlos’ e terminou — ‘Cum esse negócio de famia eu nun bulo’” (p. 149).

No conto “A virgem santíssima do quarto de Joana” o coronel Rufo e a esposa Fausta, recebem em casa uma menina, Joana, que passa a ser criada e acaba por conviver com “a preta que lavava roupa para a casa do coronel”, que lhe contara que “o coveiro come menino no sumitério” (p. 161), o que constitui um dos temores da morena criança. Outra lembrança era a de que “a lavadeira tinha uma volta de miçanga no pescoço, bem apertada, com uma figa

pendurada” (p. 162). No decorrer do conto, Joana “que ardia em mistérios de adolescência” e que “abriu a janela para conversar com o filho do coronel (que luar que fazia!) e ele pulou para dentro do quarto” (pp. 160-1). Daí ela foi forçada a se casar com o coveiro, de quem tinha medo, pavor, asco, para encobrir o filho que teria com o filho do coronel; posteriormente após o parto do segundo filho, agora com o coveiro, se surpreende com este comendo a perna do primeiro filho e o único pensamento que lhe vem à memória foi a figura da preta lavadeira que a tinha alertado para os hábitos do coveiro. Mãe e filho nem são atendidos pelo médico, Dedé, aquele que era realmente o pai da criança.

Em “Trecho de vida” sá Babita, que apreciava sepulturas se mostrava desolada pela ausência de uma destinada ao filho de seis dias que perdera, e chama a atenção do narrador para um túmulo “pequeno, com lápide, muito humilde e modesto”, indicando: “pois é daquele preto que mora vizinho de nós — Fez uma pausa lúgubre e depois: — Meu filho mesmo...” (p. 173), as reticências seriam pelo descaso do marido, que tendo melhores condições poderia fazer a lápide para o “anjinho”? Ou pela questão preconceituosa? O emudecimento de sá Babina não nos permite ir além da dor que aquela mãe sentia diante do descaso do marido, ou dos preceitos sociais que indicavam ser preocupação uma lápide.

A narrativa de “O caso inexplicável da orelha de Loló” transita pela memória de culpa de Anísio em relação à prima, Branca, com quem tivera um romance duas décadas anteriores, e que ao ser descoberto pelo avô que criava os dois, encaminhou o moço para o seminário. Ao retornar, o avô propõe o casamento dos primos, mas Branca havia sonhado que eram irmãos e por isso afasta todas as possibilidades, inclusive fugindo com Loló. Na caçada aos fujões Anísio acaba matando o negro e retirando-lhe uma das orelhas que mostra à “prima”. Ela confessa que teria ficado com outros vários homens, uma tentativa de dele se afastar, devido a sua desconfiança. Na fazenda conta ao avô, que matou Lolô e que vai ficar com Branca, o velho morre e ela, Branca, é alçada à antiga sala onde o avô “ensinava os negros” — espaço subterrâneo cujo alçapão de acesso ficava na capela. Ali Branca morre e Anísio se martiriza pelo crime, até que resolve contar tudo a um conhecido. Passa então pela sala em que havia o tronco, pela lembrança da negra cozinheira Etelvina, e ainda “a idéia do negro seduzindo a prima, gozando o seu corpo, esfregando nela seus beiços roxos” (p. 185). Entretanto, Anísio mantinha a imagem de Branca na parede da galeria familiar e a orelha de Loló em uma caixa ao seu alcance, orelha essa que o matou. Ao final, o morto Anísio é malhado para que ficasse mais leve ao ser transportado para o sepultamento, algo parecido com o presenciado por Élis em visita a uma fazenda (2000, p.117). Tal fato teria levado à escrita do conto segundo Élis,

que comenta também sobre a morte do avô, que é “ainda uma alusão à morte do Afonso da Maia (*Os Maias* de Eça de Queirós), morrendo subitamente ao saber do amor incestuoso dos netos” (2000, p. 117).

### ***Primeira Chuva***

A edição utilizada foi a de 1971, que conta com ilustrações de Octo Marques. Única obra de poemas publicados em livro por Bernardo Élis. São 35 poemas em que natureza e humanos dividem versos e compõem estrofes. Em três poemas os negros são os protagonistas: “Negro Malandro”, “Ponta de rua” e “Natal”, ambos dispostos a partir da segunda metade do livro. Interessantemente duas festas bastante importantes para os goianos se constituem como o contexto poético, entremeadas por uma rua, ou melhor por uma “ponta de rua”. Seguindo o calendário oficial, primeiro vem a Festa do Divino, retratada como agregadora de outras comemorações como a São Benedito e à Santa Efigênia, santos católicos negros. No segundo, o Natal foi o momento do “pretinho feio” sonhar.

Em “Negro Malandro” os versos iniciais remetem à genealogia de Neco, para posteriormente narrar o desenrolar da vida daquele que “vendia quitanda na rua”. Élis indica: “seu pai era negro retinto, / sem vergonha, de venta larga, / filho de escrava cativa. Fedia a senzala” (p. 43), alusão ao passado recente da escravidão. Neco, de vendedor de quitanda, passou a dono de boteco, ao se vestir optou, a partir de tal mudança, por trajar terno de linho, e em relação ao pai “proibiu-lhe sair de congo / e de andar descalço” (p. 43) / “Por isso, na festa do Divino, / ouvindo o ronco da zabumba (...) / o negro chorou, lembrando da mesada” (p. 44). E quando a festa saiu da igreja, o pai fez uma promessa: “— São Benedito, Santa Efigênia, / botem meu filho pobre, bem pobre, / prelê largar de soberba” (p. 45). Uma nítida afirmação identitária prevalecendo sobre a nova situação econômica, que remete ao fato de escravos ao serem libertos adquirirem seus semelhantes como escravos; era assim que o velho se sentia diante das imposições do filho. E diante do altar em que muitas vezes homenageou os “santos pretos”, agora lhes pedia que pudesse voltar a festejar-lhes os dias festivos, travestindo-se de Congo. O poema transita por três páginas, nas quais não consta ilustrações.

Élis nos contextualiza ao confidenciar que “a rua parou, / aí também parou a vida (p. 46), em que expõe as diferenças da rua, para a “ponta de rua”, com suas características, hábitos, cotidiano e moradores, como Mumbuca “mulato, cearense bexigoso” (p. 47), dono de uma venda que reunia parte da vivência e era cenário dos acontecimentos do que ocorria na “ponta da rua”.

O “Natal”, poema em três estrofes, remonta ao conto mencionado acima (Papai Noel ladrão), que fora publicado em “O Popular” em 1938 e em “Ermos e Gerais” em 1944. Aqui há algumas variações, mas a criança continua sendo o “pretinho feio” do conto e a mãe a criada. A temporalidade começa com a manhã e não mais na noite da véspera, já com a presença dos brinquedos recebidos pelas outras crianças e pelos desejos do “pretinho feio” em participar das brincadeiras; mas as outras crianças “batiam-lhe sem dó porque pegava na bola de vez em quando”. No entanto, Élis parece trazer o consolo: “de noite, / os meninos dormiram chorando” devido as avarias nos brinquedos que ganharam, “mas o negro, coitado, / êsse sonhou que estava brincando com o tamborzinho”, o que demonstra a “esperança de ter ao menos um brinquedo” (p. 59), mesmo que fosse um brinquedo que remetesse à tradição cultural negra como um tambor e não bonecos, bicicletas ou bolas, inclusive as últimas, ao trazer a alegria de uns poucos toques, lhe acarretava algumas surras.

### ***Veranico de Janeiro***

Na última obra aqui abordada, são cinco os contos, sendo que em três deles há menção a negros. Mas vale ressaltar que há referências também a brancos e a índios, os outros constituidores do povo goiano, considerando o recorte geográfico sempre abordado na obra bernardiana.

A contextualização inicial parte da chegada de um carro de boi, de Barreiro do Meio, quando “o sol era um sol terrível, de umas três horas da tarde, que arrancava faíscas nas lajes, acendia-se em chispas nas folhas verdes, tremia nos longe num retremor de vapor exalado. Veranico de janeiro” e “tão forte que a poeira levantada pelo carro e suas dez juntas de bois imitava poeira do mês de agosto” (ÉLIS, 2006, p. 16).

Na carga do carro, diferentemente do que os presentes nas ruas e na venda achavam, não era um morto: “ — não vê que não é defunto! Ocês tão é malogrando o prove” (p. 17), e por isso “carece de botar numa casa adonde cuidem dele” (p. 18). Ele era Isidoro, velho, que “eivinha sofreno u’a fadiga” (p. 17), vivia sozinho, “é que Isidoro sempre fora um tipo encolhido, sorumbático. Não tivera amores, não tivera filhos, nem amigos. Em desde novinho começou a trabalhar ora aqui, ora ali [...] ganhando um dinheirinho que amoitava egoisticamente” (p. 18). Várias foram as desculpas ouvidas durante as tentativas de abrigar o doente.

Ao responder negativamente para a acolhida do doente, Isidoro, disposto no carro de boi, a esposa do senhor Coelho indaga de onde ele seria e diante da resposta, comenta “ —

Credo! Que povo mais herege são esses daí do Barreiro!” e “por sinal que essa gente foi gente ruim demais para negro, em tempo de outrora, quando havia cativoiro” (p. 20).

O carreiro, condutor do doente, contou com a ajuda para achar um abrigo, foi “Liduvino, brancarão comprido e desengonçado, quase careca” (p. 16), que depois de inquirirem vários moradores acabaram com o quase moribundo na casa de Chiquinha e “passou fevereiro, chegou e passou a Coresma sem que o doente nem empiorasse, nem melhorasse”, quando “Liduvino ficou firme na cabeceira do catre de Isidoro” (p. 30), mas desapareceu quando “as folias, os pousos que o chamavam” (p. 31). Logo a festa passou à cidade “a banda de couro, constituída da zabumba, das cinco caixas, dos dois flautins de taquara furada a ferro quente e do triângulo, executava seus toques monótonos. Na banda de couro não faltava ninguém, graças ao Divino e a Santa Ifigênia” (p. 34) e Liduvino foi atrás da banda, deixando Isidoro com suspeita de morte, mas isso era algo para resolver depois, uma vez que o festar e o devotar o Divino e à Santa Ifigênia eram preceitos necessários e se contrapunha à lentidão da morte anunciada de Isidoro.

Mudando de conto, mas permanecendo na mesma festa, temos a informação que “na porta da igreja, os mordomos cumpriam suas tarefas: as fogueiras do Divino, de São Benedito e Santa Ifigênia iam-se erguendo. A do Divino naturalmente que era a mais alta e larga das três”, pois “as restantes eram de santos de negros e de pobres e não podiam ter a imponência, a intimação das outras” (p. 69), tal informação nos remete do fim ao início de “A Enxada”, a partir de trechos do diálogo entre o coronel Elpídio: “— Nego à-toa, não vale a dívida e ainda querendo que dê enxada!”, à resposta de Supriano, o Piano, que segue sua lamúria: “— Meu patrãozinho, mas plantar sem... — Elpídio o atalha: “— Vai-se embora, negro. E se fugir te boto soldado no seu rasto” (p. 50). Interessante se faz notar na utilização de dois vocábulos: “nego” e “negro”, o segundo é incontestado, enquanto o primeiro é usado pelo coronel pejorativamente, mas também por Olaia, a esposa de Piano, como palavra de carinho, no transcorrer da narrativa.

A reação de submissão de Supriano ao coronel Elpídio era assegurada pelo delegado, numa transferência de dívidas entre os dois, em que Piano era a moeda de barganha, como se fosse uma coisa, e dentre as prerrogativas estava o trato do delegado de “buscar o negro em caso de fuga” (p. 50), e tal argumento vai ser utilizado para a prisão de Supriano. Na soltura, o agricultor em busca de uma enxada “mode plantar”, ouve do coronel: “— agora, negro fujão, é pegar o caminho da roça e plantar o arroz. Santa Luzia tá aí” (p. 58), indicando a festa em homenagem à santa, do panteão do catolicismo, comemorada em 13 de dezembro.

A roça tinha que ser plantada até a véspera do dia de Santa Luzia, período em que transcorre toda a labuta de Piano em busca de uma enxada, objeto até então essencial para a planta de arroz, substituída pelas mãos, vontade e dignidade do despossuído e maltrapilho personagem de tanto sucesso, por representar o tormento e o martírio daqueles que não possuíam terras e eram subjugados aos que detinham a posse, das terras, dos poderes e ainda das pessoas.

No conto seguinte, pela hora do almoço, um movimento à porta da casa de seu Reimundo, deixa Rita, a esposa, e o rapazinho, o filho, assustados. Era Rosa, personagem que nomeia o último conto a ser mencionado. Ela “queria morar ali, poderia cozinhar, lavar roupa”. “Sô chegante, sá dona, num cunheço ninguém no comerço”. Ela “não queria ganhar nada. Rogava somente um canto pra mode dormir, um tiquim de comida mode não morrer de fome” (p. 78). Rosa foi ficando ali, cuidando da lida da casa: “lavar uma roupa, rachar lenha, pilar arroz, socar paçoca, capinar quintal, torrar e socar café, fazer sabão, buscar água na bica” (p. 78), tudo durante o dia, pois à noite ia à igreja “ocultava-se num canto escuro, bem atrás, debaixo da escada do coro, de parelha com a preta Inácia, que a ensinou a embrulhar-se no xaile, misteriosamente” (p. 79).

Um dia, dois compradores da loja de Reimundo eram conhecidos de Rosa, um deles com “olhos apertados de índio” (p. 82). Tais visitantes compradores eram a confirmação, para Rosa, perante os patrões, que ela tinha uma origem e, sem cerimônia alguma convidou os dois inicialmente para a varanda e em seguida “foram para a cunzinha” (p. 82) e conversaram enquanto a criada coava um café. Em algumas noites “quando a ventania bulia o folhame, Rosa fazia uma cruz com os dedos indicadores, mode espantar o saci” (p. 84). Rosa mantinha relações distintas com os dois outros negros do conto, dona Inácia por quem desenvolveu afeto e com o saci, do qual queria afastamento, pretendido por meio do sinal da cruz.

A Rosa do conto, não descrita em sua cor, teria sido uma homenagem, como justifica Élis (2000, p. 50): “grande parte das coisas que foram minhas estórias são fruídas da sabedoria e da imensa cultura de Rosa. Até uma estória tentando reconstituir a pessoa de Rosa”, a que mencionamos acima. A chegada de Rosa à casa da família de Bernardo teria ocorrido pela morte da mãe dela e as dificuldades do pai, viúvo, em criar os dois filhos. As memórias do autor a descreve: “mais velha do que eu não sei bem quanto, talvez oito anos, foi para casa de meus pais com cerca de oito ou dez anos de idade, vinha da roça, onde vivera (...) Era de um branco amarelado, de cabelo alourado e anelado, nariz meio chato, de ventas abertas. Por parte de mãe tinha sangue índio” (2000, p. 46-7), um outro povo bastante presente nas páginas bernardianas.

## Considerações

Buscamos não recontar parte das três obras bernardianas selecionadas: “Ermos e Gerais”, “Primeira Chuva” e “Veranico de Janeiro”, o intento foi perceber as nuances em que os negros eram personagens, mencionados ou envolvidos.

Bernardo traz de suas vivências algumas lembranças como da infância em que “há uma cena assim nebulosa em minha sensibilidade. Uma criança, diziam, estava morrendo por se haver sufocado com uma pétala de rosa. Era uma família preta; o pai, filho de escrava” (ÉLIS, 2000, p. 57), ou das imposições quanto as emoções, quando relembra o fato da proibição de ir ao circo que estava na cidade: “todos choraram às escondidas, inclusive minha mãe, pois meu pai detestava choradeira. Isso era coisa de escravos. Ficava bem na morte do pretinho nosso vizinho, mas não entre seres civilizados. Não se devia nem rir nem chorar desbragadamente” (2000, p, 58).

Nas obras, os negros não são seres estáticos ou passivos, que se movimentam de acordo com interesses de outros personagens. São “anjinhos”, crianças, jovens ou velhos, homens e mulheres que transitam pelos enredos de maneira necessária, para que o conto ou o poema tenha sentido.

O negro não é retratado apenas como fruto da exploração, tanto na escravidão (recorrente na memória), tanto de contos como de poemas. Mas assumem protagonismos, são pessoas com sentimentos, passíveis de amar e serem amados, de terem sonhos e de realizá-los. São partícipes do contexto em que viviam e se interagem das mais diversas possibilidades no universo cotidiano criado por Bernardo Élis, para quem “a contribuição do negro foi decisiva” (2000, p. 18), na constituição da população goiana.

Nas relações familiares haviam ainda resquícios da escravidão, como afirma ao descrever a família paterna, lembrando que seu pai, Erico Curado, “viu ainda a escravidão e até 1919, na casa de sua mãe [avó de Bernardo], existiam alguns velhos escravos que, embora libertos, ali permaneciam” (2000, p. 21).

Ser convidado a participar do 14º Colóquio Virtual Bernardo Élis, tendo por temática “os estigmas da escravidão: o negro na obra de Bernardo Élis”, que ocorreu em abril de 2021, foi muito gratificante, pois trazer as marcas e os sinais dos negros na obra bernardiana em um ano dedicado a significativas publicações destinadas às investigações sobre os negros no Brasil, demonstra a vitalidade e a atualidade da obra de Bernardo Élis; dentre as publicações mencionamos a reedição em português de “Fluxo e Refluxo” de Pierre Verger (2021) e alguns

lançamentos, como: “Enciclopédia Negra” (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2201); do segundo volume de “Escravidão” de Laurentino Gomes (2021) e ainda, dentre outros, Guimarães (2021) com “Modernidade negras: a formação racial brasileira (1930 a 1970), período que abarca o recorte temporal contemplado pelas três obras em estudo: “Ermos e Gerais”, “Primeira Chuva” e “Veranico de Janeiro”.

A questão das indefinições nas obras bernardianas em questão é recorrente, muitas das vezes o nome do personagem é desconhecido, vale-se na narrativa de sua função ou posição para identifica-los; o mesmo ocorre com a cor. Neste caso, recorreremos ao contexto vivido por Bernardo Élis, em um Goiás onde predominava uma população nem branca, nem preta, mas fruto das misturas entre os povos que aqui viviam e que constituíam características diversas. Enfim, a cor que preocupava o autor, ao que parece, era a que o ruborizava pela timidez.

## Referências

GOMES, F. S.; LAURIANO, J.; SCHWARCZ, L. M. **Enciclopédia Negra**. São Paulo: Cia das Letras, 2021.

GOMES, L. **Escravidão**: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GUIMARÃES, A. S. A. **Modernidades negras**: a formação racial brasileira (1930-1970). São Paulo: Editora 34, 2021.

ÉLIS, B. **Primeira chuva (poemas)**. Goiânia: Oriente, 1971.

ÉLIS, B. **A vida são as sobras**. José Lino Curado (Org.). Goiânia: Ed. Kelps, 2000.

ÉLIS, B. **Ermos e Gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ÉLIS, B. **Veranico de Janeiro**. Goiânia: ICBC, 2006. (Col. Biblioteca Clássica Goiana — Século XX – vol. II).

VERGER, P. **Fluxo e refluxo**: do tráfico de escravos entre o golfo de Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX. Trad. Tasso Gadzanis. São Paulo: Cia das Letras, 2021.

## **SOBRE O AUTOR**

### **João Guilherme da Trindade Curado**

Mestrado (2006) e Doutorado (2011) em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio Ambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). Graduação em História pela Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (1997). Experiência de 16 anos em docência no Ensino Superior. Atualmente é professor titular - Secretaria Estadual de Educação. Tem experiência na área de História, Geografia e Patrimônio, com ênfase em Festas Populares, atuando principalmente nos seguintes temas: festa, tradição e cultura.

---

*Recebido em setembro de 2021*

*Aceito para publicação em novembro de 2021*

*Publicado em novembro de 2021*